

AINDA A PROPÓSITO DA "REBELIÃO DAS MASSAS" DE ORTEGA Y GASSET.

CLAUDIA NIKITIUK

do Curso de Pós-Graduação de História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

... "Porque el griego creyó hacer descubierto en la razón, en el concepto, la realidad misma. Nosostros, en cambio, creemos que la razón, el concepto, es un instrumento domestico del hombre, que este necessita y usa para aclarar su propia situación en medio de la infinita y archiproblemática realidad que es su vida"... (1).

Numa tentativa para compreender as ligações entre o literário e o social, através da obra acima mencionada, ao analisa-la(seguir-se-ão três etapas: levantamento da estrutura social pela utilização de conceitos-chaves, apreensão da visão de mundo suscitada e esboço do universo imaginário onde se situa.

Mas cabe, primeiramente, fornecer as coordenadas históricas e literárias da época em que se insere este livro, escrito em 1927 e publicado pela primeira vez em 1929.

Quanto ao seu autor, reflete, neste e outros ensaios sociais, a formação humanística recebida em Madri, Alemanha e França. Professor de metafísica, faz da "razão vital" a chave de seu sistema, que frente ao cartesiano "penso, logo existo", nisto se resume: "porque existo, penso".

Literariamente, pertence à segunda fase da geração de 98, em cuja primeira etapa pontifica um nome: Unamuno. Apesar da preocupação comum ao grupo: a de regeneração de Espanha, as proposi-

(1). — ORTEGA Y GASSET (José), *La Rebelión de las masas*. 41ª edición en castellano. Madrid, Revista de Occidente, 1970, p. 197.

ções orteguianas são otimistas, e, inversamente a Unamuno, pretendem uma europeização de Espanha. Isso será melhor explicitado no decorrer deste trabalho.

Por que regeneração?

Para o grupo um fato importante o "abismo moral" em que caíra o país. Ao examinarmos os fatores que a isso conduziram, notamos uma herança de condicionamentos herdados de há muito, de cuja eclosão temos como marco o período da Restauração.

De Isabel (1868) a Afonso XIII (1931) — tomados em suas respectivas quedas — a Espanha sofre uma série de experimentos políticos internos, agravados, economicamente, pela perda definitiva de suas colônias.

Após o fracasso republicano, subsequente à queda de Isabel II, faz-se a última tentativa monárquica, pretensamente democrático-liberal. Não obstante, as instituições apresentam todos os resquícios dos regimes anteriores. Os poderes persistem em mãos conservadoras. Apesar dos novos projetos, a administração pública vai se degradando. Mudam-se os ministros e com os mesmos o quadro do funcionalismo.

Se bem que a Lei do Sufrágio Universal date de 1890 — para a Espanha — a atualidade da política espanhola persiste resumindo-se na influência direta dos governadores-civis, capitães-generais e bispos. Manejado pelos governadores de província, o caciquismo continua o sustentáculo da vida política local.

Freqüentemente, suspendem-se as garantias constitucionais. E, participando na preservação do processo político, intervem as forças armadas.

Por seu turno, as forças sociais do proletariado, plasmadas no decorrer de todo o século XIX, principiavam a forjar programas de ação — muitas vezes direta — ou, então, através dos sindicatos.

De seu lado, também, o campesinato agita-se, em virtude dos problemas gerados pela concentração da propriedade em mãos de poucos, como em: Castela Nova, Extremadura, Murcia e Andaluzia.

À toda essa ambiência de dissensão, pode-se acrescentar os fatores do laicismo e regionalismo, forçando a vida espanhola a tomar rumos distintos dos fornecidos pelo Estado.

O primeiro movimento, de caráter minoritário, ligado a um grupo de pró-homens liberais, teve desempenho no campo do ensino médio e universitário, objetivando a renovação cultural, e para tanto, promovendo a formação de novos intelectuais, no exterior.

A propósito, Ortega liga-se ao grupo, como membro da segunda geração atuante.

No que diz respeito ao regionalismo — sobretudo o catalão — é de caráter popular. Tem vinculações tanto culturais, como econômicas. E, politicamente, repercute o vazio, a desilusão de todas as correntes, cujo esforço vinha sendo estéril: conservadores-liberais, republicanos-federais e carlistas. Enfim, busca-se no movimento a fuga das orientações oficiais.

Isso posto, eis o quadro de Espanha nos inícios deste século: monarquia fracassada; camadas populares descontentes; intelectuais voltados para o exterior, cada vez mais ativos; exército, nobreza e igreja temerosos ante os sucessos internos e externos.

Demais, excetuada a problemática específica de Espanha, esta ve-se envolvida em ambígua neutralidade diante dos problemas atinentes à diplomacia europeia. Consequentemente, isso a deixa sozinha perante os seus problemas coloniais.

Portanto, quais as possibilidades de intervencionismo ativo para detenção do processo de dissolução da ordem vigente?

A escolha das camadas conservadoras culmina na ditadura de Primo de Rivera: 1923-1930.

Neste ínterim, o grupo dos intelectuais apercebe-se da frustração da democracia "liberal".

Por outro lado, desde o último quarto do século pasado, conscientizaram-se os espanhóis de que Espanha necessitava incorporar-se ao ritmo de progresso, de avanço industrial e científico, vigente; assim sendo, nesses primeiros decênios fizeram-se tentativas de recuperação de um tempo perdido.

Para tanto, solicitara-se o assessoramento de grupos especializados: os técnicos, emergentes das camadas médias e burguesas. Incumbem-se-lhes de fazer funcionar o aparelho estatal: planificação estatal e econômica, obras públicas etc.

Em decorrência, surge, pois, outro problema: a *intelligentsia* plasmada pela crise de 98, está dividida. Enquanto os intelectuais "puros" lutam para resolver o problema gerado pela discrepância entre liberdade humana e eficácia social, *coletiva*, os técnicos optam pelas possibilidades concernentes ao segundo termo.

Nessa ótica de desencanto ante uma inadequada resolução, coloca-se Ortega.

A problemática por ele levantada diz respeito apenas à Espanha ou é de caráter mais abrangente?

Suas perspectivas e prospectivas figurarão no desenvolvimento posterior do trabalho.

*

Mas, agora, passemos, realmente, à primeira etapa da análise. Vejamos qual a conceituação de estrutura social veiculada na obra, por meio de seus conceitos-chaves. —

Eliminemos, de antemão, todos e quaisquer determinismos econômicos, de cujos princípios o autor não pactua.

"... La única cosa que, sin grandes precisiones, aparece cuando se quiere definir la actual decadencia europea, es el conjunto de dificultades económicas que encuentra hoy delante cada una de las naciones europeas. Pero cuando se va a precisar un poco el carácter de esas dificultades, se advierte que ninguna de ellas afecta seriamente al poder de creación de riqueza y que el viejo continente ha pasado por crisis mucho más graves en este orden" (2).

Por conseguinte, servindo-nos de outros excertos, tentemos nos balizar social e superestruturalmente dentro desta obra.

"... La sociedad es siempre una unidad dinámica de dos factores: minorías y masas. Las minorías son individuos o grupos de individuos especialmente cualificados. La masa es el conjunto de personas no especialmente cualificadas. No si entienda, pues, por masas solo ni principalmente "las masas obreras". Masa "es el hombre medio... (3) (4)".

Adiante, complementa-se a noção.

"La división de la sociedad en masas y minorías excelentes no es, portanto, una división en clases sociales, sino en clases de hombres, y no puede coincidir con la jerarquización en clases superiores e inferiores. Claro está que en las superiores, cuando llegan a serlo y mientras lo fueron de verdad, hay más verosimilitud de hallar hombres que adoptan el "gran vehículo", mientras

(2). — *Idem* — p. 212.

(3). — Como homem médio o autor subentende o elemento de qualquer classe social, cujo horizonte econômico é cada vez mais franco, e, que, por consequência se encontra diante de um padrão de vida cada vez mais estandardizado, com conseguinte perda de dependência ante o arbítrio alheio.

(4). — P. 64.

las inferiores están normalmente constituidas por individuos sin calidad. Pero, en rigor, dentro de cada clase social hay masa y minoría auténtica..." (5).

Em torno destas categorías básicas girará o conceito de estrutura social: massa e minorías excelentes (seletas ou outros designativos sinônimos).

Conquanto tenha emprestado à sociologia o conceito de massa, a divisão de sociedade elaborada pelo autor é de caráter seletivo, filosófico-intelectual. Exprime juízos de valor inerentes a uma concepção elitista.

Como Ortega parte do plano do Ser, passemos ao do Existir, na tentativa de captar o social. Procuremos a articulação de ambos no "Coexistir", e quais os condicionamentos o determinam.

De antemão, tentemos dimensionar o problema do viver.

"... Circunstancia y decisión son los elementos radicales de que se compone la vida. La circunstancia — las posibilidades — es lo que de nuestra vida no es dado e impuesto. Ello constituye lo que llamamos el mundo. La vida no elige su mundo, sino que vivir es encontrarse, desde luego, en un mundo determinado e incanjeable: en este de ahora. Nuestro mundo es la dimensión de fatalidad que integra nuestra vida. Pero esta fatalidad vital no se parece a la mecánica. No somos disparados sobre la existencia como la bala de un fusil, cuya trayectoria está absolutamente predeterminada. La fatalidad en que caemos al caer en este mundo — el mundo es siempre este, este de ahora — consiste en todo lo contrario. En vez de imponernos una trayectoria, nos impone varias y, consecuentemente, nos fuerza ... a elegir..." (6).

Extensivamente

"todo esto vale también para la vida colectiva. También en ella hay, primero, un horizonte de posibilidades, y luego, una resolución que elige y decide el modo efectivo de la existencia colectiva. .." (7).

Contudo, de que emana a resolução do tipo de sociedade?

"La sustancia o índole de una nueva época histórica es resultante de variaciones internas — del hombre y su espíritu — o

(5). — *Idem*, p. 66.

(6). — *Idem* — p. 101-102.

(7). — *Idem* — p. 102.

externas — formales y como mecánicas. Entre estas ultimas, la más importante, casi sin duda, es el desplazamiento del poder. Pero este trae consigo un desplazamiento del espíritu" (8).

Complementando com outro excerto:

"Tanto vale pues, decir: en tal fecha, manda tal hombre, tal pueblo o tal grupo homogéneo de pueblos, como decir: en tal fecha predomina en el mundo tal sistema de opiniones, ideas, preferencias, aspiraciones, propósitos" (9).

Explicitando, se o processo histórico depende do individuo, este é, apenas, um elemento da sociedade a que se vincula. A configuração daquilo que chamaríamos "sociedade civil", tomando a expressão a Hegel depende, em verdade de causas externas, formais. Se há um poder, este precisa obedecer a um código — no caso atual — Direito. Enfim, Ortega coloca o Estado, instrumento principal de direito, e o indivíduo como órgãos da sociedade.

Entretanto, voltando ao que Ortega denomina "opinião pública": conjunto de opiniões, idéias, preferências, aspirações e propósitos, acima referida; para ele, isso é algo dinâmico. É um poder espiritual, cuja força eunômica regula o poder temporal — o do Estado (poder formal).

Assim, creio que, aqui, se chega ao fulcro da estrutura social orteguiana. Se existe tal poder espiritual, como existe a massa que

"... es lo que no actúa por si misma ... Ha venido al mundo para ser dirigida, influida, representada, organizada ... Necesita referir su vida a la instancia superior, constituida por las minorías excelentes..."? (10).

Outrossim, ainda.

"También hay, relativamente, pueblos-masa resueltos a rebelar-se contra los grandes pueblos creadores, minoría de estirpes humanas que han organizado la história..." (11).

Vejamos . . . primeiro, Ortega coloca o fato das minorias excelentes serem a instância superior; depois, que a história fora organizada por minorias de estirpes humanas.

(8). — *Idem* — p. 191.

(9). — *Idem* — p. 195.

(10). — *Idem* — p. 277.

(11). — *Idem* — p. 200.

E, demais

"... La maior parte de los hombres no tiene opinión, y es preciso que esta le venga de fuera a presión, como entra el lubricante en las máquinas ... para que la gente que no opina — y es la mayoría — opine" (12).

Portanto, a história deve ser dirigida. A questão se coloca na escolha dos seus reitores, que para ele deveriam ser as minorias excelentes. Estas forneceriam as normas; de cultura para os grupos sociais nortearem-se formando um poder social equilibrado ao estatal. O controle social não deixaria de ser uma forma de movimento social.

Resumindo, a tese é esta. Mas, o processo histórico é complexo. É um continuum, passado — presente — futuro. Afinal, o que vigora é a interação dialética entre o social e o superestrutural, gerando a hierarquização entre camadas seletas e massas. Quanto ao econômico, nisto não tem peso.

A posição teórica de Ortega não é pura. Apresenta contribuições tanto do idealismo, como do realismo histórico; ora acentua-se mais um termo, ora outro; mas partindo da filosofia chegou à sociologia. Nesse caminhar aprendeu o cultural.

*

Neste passo, a análise já se encontra articulada ao item seguinte — Visão de Mundo.

Fundamentando-me teoricamente, usarei do conceito de Lucien Goldmann. Segundo este, as grandes obras literárias, filosóficas e artísticas apresentam uma

"coincidência não só virtual como também real com essas estruturas rigorosamente coerentes que são as visões de mundo" (13).

Ou seja,

"atitudes globais do homem frente aos problemas fundamentais que colocam as relações inter-humanas e as relações entre os homens e a natureza" (14).

(12). — *Ibidem*.

(13). — GOLDMANN (Lucien), O conceito de estrutura significativa em história da cultura. In *Usos e Sentidos do Termo Estrutura*. Coordenação de Roger Bastide. São Paulo, Editora Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p. 155.

(14). — *Idem*, p. 146.

Ou, em suma,

"l'extrapolation conceptuelle jusqu'a l'extrême cohérence des tendances réelles, affectives, intellectuelles et même motrices des membres d'un groupe" et "un ensemble cohérent de problèmes et de réponses qui s'exprime, sur le plan littéraire, par la création, à l'aide de mots, d'un univers concret d'êtres et des choses" (15).

A definição é exaustiva, no entanto está completa.

Assim, agora podemos colocar os seguintes problemas: — Até que ponto *La Rebelion de Las Masas* capta o pensamento da Geração de 98? — Há uma homologia de estrutura entre a obra e o pensamento desse grupo acerca da realidade social?

Em primeiro lugar, a fim de compreender a visão de mundo contida na obra, procuremos o diagnóstico do mal — a rebelião das massas, situando-nos no texto.

"El politicismo, la absorción de todas las cosas y de todo el hombre por la política, es una y misma cosa con el fenómeno de rebelión de las masas que aquí se describe. La masa en rebeldia ha perdido toda capacidad de religión y de conocimiento. No puede tener dentro más que política, una política exorbitada, frenética, fuera de sí, puesto que pretende suplantar — al conocimiento, a la religión, a la sagesse — en fin, a las únicas cosas que por su sustancia son aptas para ocupar el centro de la mente humana. La política vacia al hombre de soledad e intimidación, y por eso es la predicación del politicismo integral una de las técnicas que se usan para socializarlo" (16).

Portanto,

"Este es el mayor peligro que hoy amenaza a la civilización: la estratificación de la vida, el intervencionismo del Estado, la absorción de toda espontaneidad social por el Estado..." (17).

Já temos arrolados os elementos do fenômeno em causa: o instrumento do processo anômico — o homem vazio de intimidade, o homem dirigido, isto é, o homem-massa. O agente destruidor — o politicismo integral. O sujeito ameaçado: a civilização.

(15). — Apud DUBOIS (J.), *Pour une critique littéraire sociologique*. In "Le Littéraire et le Social". Coordenação Robert Escarpit. Paris, Flammarion, 1970, p. 59 et cf. L. Goldmann, *Le Dieu Caché*. Paris, Gallimard, 1955, p. 349.

(16). — GASSET, *La Rebelión de Las Masas*, págs. 44-45.

(17). — *Idem* — p. 183.

E, como esta assim se define:

"Trámites, normas, cortesía, usos intermediarios, justicia, razón! ... Civilización es, antes que nada, voluntad de convivencia. Se es incivil y barbaro en la medida en que no se cuente con los demás. La barbarie es tendencia a la disociación. Y así todas las épocas bárbaras han sido tiempo de desparramiento humano, pululación de mínimos grupos separados y hostiles" (18).

Mas, qual a civilização ameaçada? Vejamos.

"... Europa havia creado un sistema de normas cuya eficacia y fertilidad han demostrado los siglos. Esas normas non son, ni mucho menos, las mejores posibles. Pero son, sin duda, definitivas mientras no existan o se columbren otras..." (19).

Deduz-se, dessa forma, que é a européia.

E, se o maior perigo que ameaça a civilização européia provem do politicismo, do estatismo, atraves de seu produto ou instrumento, qual é então a fórmula de Estado onde impera a tendência à dissociação, à barbárie?

"La situación autentica de Europa vendría, por tanto, a ser esta: su magnífico y largo pasado la hace llegar a un nuevo estado de vida, donde todo ha crecido; pero a la vez las estructuras supervivientes de ese pasado son emanadas e impiden la actual expansión. Europa se ha hecho en forma de pequeñas naciones. En cierto modo, la idea y el sentimiento nacionales han sido su invención más característica. Y ahora se ve obligada a superarse a sí misma" (20).

Assim, tivemos a resposta: o nacionalismo, as pequenas nações, isto é, os limites de "fronteiras" (utilizado o vocábulo no sentido geográfico e político).

Europa, em termos de civilização, embora continui reitora dos destinos universais, está pressionada.

"... Es verdaderamente cómico contemplar cómo esta o la otra republiquita, desde su perdido rincón, se pone sobre la punta de sus pies e increpa a Europa y declara su cesantía en la historia universal" (21).

E, mais:

(18). — *Idem*, p. 132-133.

(19). — *Idem*, p. 200-201.

(20). — *Idem*, p. 217.

(21). — *Idem*, p. 200.

"En estas jornadas de la pos guerra comienza a decirse que Europa no manda ya en el mundo. Se advierte toda la gravedad de este diagnóstico? Con él se anuncia un desplazamiento del poder. Hacia dónde se dirige? Quién va a suceder a Europa en el mundo? Pero se está seguro de que va a sucederle alguien? Y si no fuera nadie, que pasaría?" (22).

Não obstante tal possibilidade, tentemos encontrar os eventuais substitutos. Quais os novos personagens históricos? Recorramos a mais um excerto.

"No importaría que Europa dejase de mandar si hubiera alguien capaz de sustituirla. Pero no hay sombra de tal. Nueva York y Moscú no son nada nuevo con respecto a Europa. Son uno y otro dos parcelas del mandamiento europeo que, al dissociarse del resto, han perdido su sentido... Ambos, en efecto, pertenecen de lleno a lo que algunas veces he llamado "fenómenos de camoufflage histórico". El camoufflage es, por esencia, una realidad que no es la que parece. Su aspecto oculta, en vez de declarar, su substancia. Por eso engaña a la mayor parte de las gentes" (23).

Eliminadas as possibilidades de deslocamento de poder e diagnosticado o mal, antes de passarmos para a etapa explicativa da visão de mundo delineada, busquemos os prognósticos, a fim de atingirmos a total compreensão.

Portanto, certificados da ineficência das fórmulas políticas, acima focadas, procuremos a solução ideal.

"La forma que en política ha representado la más alta voluntad de convivencia es la democracia liberal. Ella lleva al extremo la resolución de contar con el prójimo y es prototipo de la "acción indirecta". El liberalismo es el principio de derecho político según el cual el Poder público, no obstante ser omnipotente, se limita a sí mismo y procura, aun a su costa, dejar hueco en el Estado que él impera para que puedan vivir los que ni piensan ni sienten como él, es decir, como los más fuertes, como la mayoría ... Proclama la decisión de convivir con el enemigo; más aún, con lo enemigo débil" (24).

Está apontado o ideal de concepção política, qual a fórmula efetiva que tomaria essa especie de liberalismo "novo", no contato internacionais.

(22). — *Idem*, p. 196.

(23). — *Idem*, p. 203.

(24). — *Idem*, p. 133.

"En el libro *The Revolt of the Masses*, que ha sido bastante leído en lengua inglesa, propugno y anuncio el advenimiento de una forma más avanzada de convivencia europea, un paso adelante en la organización jurídica y política de su unidad. Esta idea europea es de signo inverso a quel abstruso internacionalismo. Europa no es, no será, la internación, porque eso significa, en claras nociones de historia, un hueco, un vacío y nada, Europa será la ultra-nación. La misma inspiración que formó las naciones de Occidente sigue actuando en el subsuelo con lenta y silente proliferación de los corales. El descarrío metódico que representa el internacionalismo impidió ver que solo al través de una etapa de nacionalismos exacerbados se puede llegar a la unidade concreta y llena de Europa..." (25).

Como podemos notar os prognósticos são otimistas. Voltam-se para o futuro. Entretanto, de onde vem esse substrato, essa inspiração?

"Europa ha sido siempre um ámbito social unitario, sin fronteras absolutas ni discontinuidades, porque nunca ha faltado ese fondo o tesoro de "vigencias colectivas" — convicciones comunes y tabla de valores — dotadas de esa fuerza coactiva tan extraña en que consiste "lo social". No seria nada exagerado decir que la sociedad europea existe antes que las naciones europeas, y que estas han nacido y se han desarrollado en el regazo maternal de aquellas..." (26).

Antes de passar à parte explicativa, em que se inserirá o questionamento da visão apreendida com a ideologia do "grupo de 98", e a reação deste à realidade social, reservo-me o direito de falar, agora, do Universo imaginário em que se aninha a obra.

Num ensaio social a forma sofre de certo estreitamento de "fronteiras". Os recursos linguísticos são restringidos, cabendo à verve do autor supera-los, à medida do possível.

Todavía, creio que não caibam nos propósitos deste trabalho semelhantes aferições.

Neste momento, já estão constituídos os dados que permitem delinear o universo imaginário pensado pelo autor, ou seja, o eixo efetivo em torno do qual se desenrola a ação: a Europa. Assim, as nações representam a diversidade na unidade. Daí o fato de Espanha representar um dos nódulos, e, isolada perder a vitalidade.

(25). — *Idem*, p. 304-305.

(26). — *Idem*, p. 287.

Mas de que tipo é a sociedade européia?

"... no es, pues, una sociedad cuyos miembros sean las naciones. Como en toda autentica sociedad, sus miembros son hombres, individuos humanos, a saber, los europeos, que además de ser europeos son ingleses, alemanes, españoles" (27).

Quanto às coordenadas cronológicas, não obstante lembrarem mais o presente, fazem parte de um *continuum*, onde passado e o futuro desempenham papel relevante.

Aliás, caminha-se para o futuro, contudo o passado serve de guia, de conselheiro "negativo", quer dizer, ensina ao presente o que deve ser no futuro. Mostra o que não se pode fazer, mas não informa como fazer. A opção é do presente.

"Veremos, sin embargo, cómo cabe recibir del pasado, ya que no una orientación positiva, ciertos consejos negativos. No nos dirá el pretérito lo que debemos hacer, pero sí lo que debemos evitar" (28).

Os personagens orientam-se (ao menos devem seguir) rumo ao desenvolvimento de um programa vital, ou, apenas, circulam à deriva, à mercê dos que empreendem tais projetos.

Para comprovar a assertiva acima, faz-se necessário dar uma pequena amostra, embora por meio da intromissão do autor.

"El día que vuelva a imperar en Europa una auténtica filosofía única cosa que puede salvarla — se volverá a caer en la cuenta de que el hombre es, tenga de ello ganas o no, un ser constitutivamente forzado a buscar una instancia superior. Si logra por sí mismo encontrarla, es que es un hombre excelente; si no, es que es un hombre-masa y necesita recibirla de aquel" (29).

*

Retornando, agora, à visão de mundo, podemos concluir sua análise, tentando dar-lhe um fecho explicativo. Essa é a fase de conexão com a realidade social, captada de uma certa maneira, pela ideologia de um grupo.

Na introdução ao trabalho ficou esboçada uma panorâmica. Conforme esta, vimos que ocorria a falência duma tentativa monárquico-liberal; neste ínterim ocorriam agitações de todas as ordens, criando um ambiente onde a norma era a ação direta. E, o Estado não continha a ansiedade do ímpeto destruidor de um *status quo*.

(27). — *Idem*, p. 286.

(28). — *Idem*, p. 101 em nota de rodapé.

(29). — *Idem*, p. 177-178.

Outrossim, a camada conservadora propõe a ditadura. (Primo de Rivera — por ocasião da elaboração do livro em foco).

Impõem-se programas de ação coletiva, sem se escutar as minorias inteleceuais. — O Estado passa, com o auxílio da técnica, a dar rumos à história.

Assim, a camada generacionista de 98, via a origem de todo o mal na atuação ineficaz do aparelho estatal, cuja política perdera o hábito de recorrer à codificação.

E, apesar de se intentar incorporar o país ao ritmo de progresso mundial, internamente o mesmo se encontrava fechado.

Contra o clima de asfixia, insurgem-se os inteleceuais, buscando outras alternativas, outros valores, no campo interno e externo.

Nesse momento, podemos cotejar o pensamento de Ortega com o de seu grupo.

Um propósito era comum a todos: salvar a Espanha do "abismo moral". Uns, optaram pela revificação de valores próprios ao país; outros especialmente Ortega, propõem algo além.

Se os nacionalismos eram ineficazes, demais, eram comuns à Europa, por que não unir as potencialidades de cada povo num esforço único, numa comunidade: — o Estado europeu do Ocidente. Afinal, Europa fora até aí reitora dos destinos do mundo, por que não restabeecer a posição etnocêntrica de sua civilização?

Isso posto, podemos deduzir que na ideologia do "grupo de 98", a preocupação pelos fatores políticos e sobretudo culturais era a tônica dominante. Apenas, enquanto uns propõem a renovação em âmbito interno, Ortega, dentro do mesmo esquema, atinge o máximo de consciência, buscando soluções mais amplas, de um caráter, cuja abrangência é tanto interna como externa. A Espanha isolada não tem poder!

Se suas construções se assentam num silogismo forjado, isso é um problema discutível. Contudo, *La Rebelión de Las Masas* tem uma coerência interna, tomada na perspectiva idealista.

E, é válida como documento social, na medida em que, contestando uma ordem vigente, examina-a.

No entanto, historicamente, até que ponto podem ser concretizáveis as alternativas de solução propostas, isso não se pode aquilatar.

O autor esquece a pressão do econômico. Este pode não ser determinante, mas tem seu peso, e, conquanto seja lembrado, é relegado a muito pouco.

Em termos ideais, a obra de Gasset apresenta muita verdade, em termos de projetos históricos, não sei. . .